

DÉCIMO SEXTO DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: **MARCOS 9.14-29**

1) As leituras do Domingo

Um tema que talvez perpassasse as perícopes do Domingo é a confiança no Senhor. Somos convidados a silenciar no coração as palavras de morte, temor, dúvida e maldição, para ouvir a Palavra de Cristo. Por graça e misericórdia, ele dá autoridade aos mestres, os ministros do seu Evangelho, para proclamar esta Palavra consoladora aos desalentados. Se por um lado o salmista usa a boca para invocar o nome do Senhor, por sua ação misericordiosa e salvadora (Sl 116.2,4), por outro lado, o apóstolo Tiago adverte que “bendizemos o Senhor e Pai” com a mesma boca que “amaldiçoamos as pessoas” (Tg 3.9). Em acordo com isso, Lutero escreve que “no homem todo nada há que possa fazer mais bem ou maior mal, em coisas espirituais e seculares, do que a língua, que todavia é o menor e mais frágil dos membros” (CMa I 291).

Em vista de nossa imperfeição e tropeço no falar, nosso Deus “deu uma língua erudita” ao seu Filho Jesus para “dizer boa palavra” (Is 50.4) a nós, cansados e sobrecarregados com o pecado, o medo da morte e as tentações do mundo, da carne e do diabo. Estávamos numa condição espiritual de “mudo e surdo” (Mc 9.25), mas o Senhor Jesus nos “instruiu o coração e ensinou a fé” pela pregação do seu Evangelho, colocando a nossa “boca e a língua na relação correta para com Deus” (CMa I 50). Desta forma, a nossa vida do crente simultaneamente justo e pecador será uma constante súplica: “Eu creio! Ajude-me na minha falta de fé!” (Mt 9.24).

2) O texto de Marcos 9.14-29

O mundo continua a vivenciar neste ano de 2021 as tragédias pessoais e coletivas de uma crise pandêmica que tem afligido muitas pessoas e ceifado muitas vidas, de forma que os laços de morte ainda nos cercam (Sl 116.3). A nossa alma reluta para voltar ao sossego (Sl 116.7) diante das notícias sobre novas variantes de vírus que estão se alastrando muito rapidamente. São tantos que se apresentam como autoridade no assunto que as pessoas acabam ficando mais desorientadas. Quem poderá fazer alguma coisa?

No evangelho deste domingo, Jesus se depara com um pai que havia trazido aos discípulos o seu filho que sofria desde a infância e eles nada puderam fazer. O pai era um expectador passivo do sofrimento que acometia aquele menino. Em muitas ocasiões de nossas vidas e, especialmente neste tempo de pandemia, nos sentimos angustiados como aquele pai, sem saber o que fazer e a quem recorrer. E tal como os discípulos de Jesus, muitas igrejas também não têm conseguido fazer nada pelos angustiados e sofredores de nossos dias. Ao se entrincheirarem em discussões extremistas e posições ideológicas em torno da pandemia, já não sabem dizer a “boa palavra ao cansado” (Is 50.4). E Tiago adverte que os mestres da igreja serão “julgados com mais rigor” (Tg 3.1). O recurso de Jesus para discípulos de todos os tempos é a oração (v. 29).

Assim como o “espírito mudo” se apossava daquele menino e o deixava descontrolado (vv. 17-18), a impressão que temos na atualidade é que também estamos sendo agitados por uma crise pandêmica que assusta, não só pelo alcance global, mas também pela letalidade. Uma sensação de que Deus se ausentou paira no ar. Diante da gravidade da situação, a dúvida daquele pai é a mesma da multidão de crentes neste tempo de pandemia: se Jesus “pode fazer alguma coisa”, que ele “tenha compaixão de nós e ajude-nos” (v. 22).

Jesus parece reagir ironicamente à súplica duvidosa daquele pai: “Se o senhor pode”? Tudo é possível ao que crê.” (v. 23). É claro que Jesus pode fazer alguma coisa! Ele é o Cristo que Pedro confessou no capítulo anterior (Mc 8.29). Ele é o Filho amado do Pai a quem devemos ouvir (v. 7). Jesus não se ausentou de nossas vidas. Assim como ele desceu do monte da Transfiguração e demonstrou genuíno interesse pela vida daquele menino (vv. 16,21) e de tantas outras pessoas, assim também, do céu ele continua inclinando os seus ouvidos para nós (Sl 116.2). Jesus nos chama à confiança nele (v. 23).

Quando as coisas escapam da nossa esfera de ação e decisão, nos sentimos de fato impotentes e desesperados. Nestes momentos nossa fé parece sucumbir e chegamos a duvidar que Deus realmente está no controle ou que possa fazer alguma coisa. A nossa súplica é como a daquele pai, um clamor de fé por libertação do desespero e dúvida: “Eu creio! Ajude-me na minha falta de fé!” (v. 24). “A dignidade não está em grande ou pequena fraqueza ou fortaleza de fé, mas no mérito de Cristo, que o pai angustiado e de pequena fé não usufrui menos do que Abraão, Paulo e outros que têm fé alegre e robusta” (FC DS VII 71). Então, Jesus repreendeu o espírito imundo e ordenou que saísse do menino (v. 25).

O pecado, as tribulações e enfermidades, a fraqueza, a dúvida, o desespero são parte de nossa experiência humana neste mundo. Tudo isto pode nos causar dor e nos afligir por um tempo, mas isto não é o veredito final. Jesus tem a última palavra, a “boa palavra”. Ele “desperta o meu ouvido para que eu ouça como aqueles que aprendem” (Is 50.4). Jesus é aquele que, além de nos tomar pelas mãos e nos erguer quando estamos prostrados pelas tribulações, também nos levantará para a vida eterna na ressurreição dos mortos (vv. 26-27).

Rev. Josemar da Silva Alves Bonho